como de certa feita escrevemos, parodiando o que da Estatística dissera o eminente prof. Luigi Galvani. Mais uma prova, aqui, do espírito pragmático dos romanos, que se reflete também na sua historiografia.

Graças aos esforços de fenícios, gregos e romanos, o foco inicial, limitado pela bacia do Mediterrâneo, ampliou-se consideràvelmente, dissipando as terras que envolviam larga porção do velho continente. Uma têrça parte de suas terras passou a ser conhecida. Quanto à evolução da Geografia, os maiores progressos registraram-se no campo da Geografia Astronômica, pois em relação à Geografia Física, as tentativas não passaram de modestos esforços, particularmente no que refere à Oceanografia, e à Climatologia. Tal o Ecúmeno e tal a Geografia que o homem da Idade Média recebeu como legado, "mas de que não se pode aproveitar integralmente quando não tornou ainda menor e desfigurou" (pág. 158).

Não sabemos se o autor pretende continuar o trabalho, tão bem iniciado, de divulgação da Geografia histórica e História da Geografia. Esperamos que o faça, uma vez que êle próprio, ao encerrar êste pequeno volume, insinua que o estudo da Idade Média abrangendo nada menos do que dez séculos de História da Humanidade, "constitui tarefa não menos fascinante e sedutora". Resistirá a ela o prof. Aroldo de Azevedo?

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

*
* *

SALVADOR (Frei Vicente do). — **História do Brasil, 1500-1627**. Revista por Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Frei Venâncio Willeke. 5a. edição comemorativa do quarto centenário do autor; apresentação de Aureliano Leite. São Paulo, Melhoramentos, 1965. 530 págs.

Com relação à **História do Brasil** de Frei Vicente do Salvador — a primeira obra no gênero escrita por um brasileiro — é o caso de dizer-se que não foi o Brasil, mas sim o livro do bom franciscano é que foi descoberto... por acaso! A história dessa **História** é conhecida. Ultimada em 1627, só foi publicada pela primeira vez em fins do século passado, quando seus originais foram encontrados "por acaso" numa coleção de manuscritos adquiridos por um livreiro do Rio de Janeiro. E' o próprio Capistrano de Abreu, promotor da segunda edição da obra (1918) à qual acrescentou os eruditos "prolegômenos" e a não menos erudita introdução, quem relata essa história, triste demais para os nossos foros de cultura, do conhecimento de um dos maiores monumentos de nosso passado. Tanto mais que os originais (segundo parece certo) foram consultados por um homem da envergadura de Varnhagen, que os teria aproveitado convenientemente, não se dando ao trabalho nem de anunciá-los, nem sequer de citá-los.

Nas colunas do **Diário Oficial** de 23 de julho de 1886 foi publicado o primeiro capítulo da obra de Frei Vicente. No ano seguinte,

apareceu um volume de 115 páginas, contendo os dois primeiros "livros", anotados por Capistrano de Abreu. Só em 1889 saiu a primeira edição integral da obra, graças à iniciativa de Alfredo Vale Cabral, então diretor da Biblioteca Nacional, que a incluiu no tomo XIII dos **Anais** da instituição que dirigia. Essa, a edição que serviu de base para a que se publicou em São Paulo, em 1918, pela Companhia Melhoramentos, e à qual juntou Capistrano seus valiosos comentários. Uma nova edição, em 1931, foi ainda mais valorizada com as notas de Rodolfo Garcia. Mais de vinte anos permaneceu o livro de Frei Vicente ausente das livrarias, até que, em 1954, tiveram as Edições Melhoramentos a feliz idéia de reimprimi-lo, em belo volume, muito superior, gràficamente, às edições anteriores. Nesta nova edição de 1954 foram reproduzidos todos os elementos que já haviam tornado valiosa a terceira edição, a saber os prolegômenos e a introdução de Capistrano de Abreu, as notas de Rodolfo Garcia, os índices que facilitam a consulta à obra, enriquecida, ainda, de muitas estampas que não figuravam na edição primitiva. Esgotou-se ràpidamente esta quarta edição, e os poucos exemplares que vez ou outra apareciam pelos "sebos" eram disputadíssimos. Um lustro apenas decorrido, já se tornara pràticamente inincontrável e o desejo de vê-la reeditada certamente chegou ao conhecimento dos editôres.

Sabíamos que as Edições Melhoramentos, celebrando no ano passado o seu jubileu e comemorando igualmente o quarto centenário de Frei Vicente do Salvador, haviam reeditado a obra, numa luxuosa edição especial, de tiragem limitada e, ao que supomos, até fora de comércio. O empreendimento das Edições Melhoramentos foi muito além de nossa expectativa. Longe de tratar-se de mais uma edição, o que já seria suficiente, o que se fêz foi pràticamente editar um nôvo Frei Vicente, pois para esta nova edição, que além de reproduzir todos os elementos valiosos da edição anterior, traz ainda prefácio de Aureliano Leite, novos códices da Tôrre do Tombo foram consultados, o que permitiu a correção de numerosas falhas das outras edições, inclusive aquelas já apontadas por Capistrano de Abreu, mas que o mestre não teve oportunidade de corrigir. Por esta parte responde Frei Venâncio Willeke, que há muito vem se interessando pela vida e pela obra de seu antigo irmão de Ordem. Utilizando nova cópia, mais fiel e mais completa que a aproveitada para as edições anteriores, e tendo descoberto, ainda, os vários trechos que Frei Vicente transcreveu de sua primeira obra, a **História da Custódia do Brasil** para esta **História do Brasil**, trechos que aparecem nesta edição nos lugares que o próprio autor assinalou, podemos afirmar que temos, agora, uma edição definitiva e tão completa quanto possível do nosso primeiro historiador.

Cumpre, ainda, ressaltar a excelência da feição gráfica, as magníficas reproduções de gravuras e mapas antigos ou de quadros célebres, que fazem do volume uma obra artística que honra sobremaneira a arte gráfica de nosso país. Nós, os professôres de História, só temos que agradecer às Edições Melhoramentos o terem escolhido uma obra de nossa matéria para comemorar seus três quartos de sé-

culo a serviço da cultura do Brasil, quando, do ponto de vista promocional, talvez fôsse mais interessante aos editôres a escolha de uma obra de maior penetração popular. Agora, resta que desta nova edição se faça uma tiragem comercial, mais simples e conseqüentemente mais acessível aos nossos estudantes, para que o bom franciscano, autor de nossa primeira **História do Brasil** não continui ausente das livrarias como por tanto tempo estêve. Aqui fica a sugestão.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

*

* *

MARTIN (Felipe Ruiz). — **Lettres marchandes echangées entre Florence et Medina del Campo.** Paris. S.E.V.P.E.N. Publicação da "École Pratique des Hautes Études. 6e Section". Coleção "Affaires et Gens d'Affaires". 1965.

Durante o último terço do século XVI e a primeira metade do XVIII, o capitalismo financeiro representa o fator dominante na economia de uma boa parte da Europa.

Os grandes protagonistas dêsse capitalismo são os banqueiros genoveses que contratam os **asientos** com a monarquia espanhola e chegam a empalmar tôdas as grandes transações financeiras que drenavam os metais preciosos das Índias. As feiras de Besançon constituem o centro de gravidade dêsse mecanismo e nenhum mercador podia se subtrair, na Europa, ao intermediário genovês, mesmo aquêles como Simon Ruiz e seus amigos — cuja correspondência é publicada na presente obra — que se esforçam por adquirir uma relativa autonomia.

As **Cartas** editadas por Felipe Ruiz Martin mostram como reagia Florença, praça limitada, às menores chegadas de ouro e prata ou de papel, de lã, cochonilha, pimenta, etc.

Mas essa sensibilidade obriga os mercadores a analisar com grande sagacidade os acontecimentos que se desenrolam diante de seus olhos e que consignaram com tôdas as suas minúcias nas cartas que são publicadas neste volume.

E. S. P.

*

* *

Les grandes voies maritimes dans le monde (XVe-XIXe siècles). Paris. S.E.V.P.E.N. Publicação da "École Pratique des Hautes Études. 6e Section". Coleção "Bibliothèque Générale". 1965.

Êste volume reune os relatórios que foram apresentados à reunião da Comissão Internacional de História Marítima no XII Con-